



Construir a greve por melhores condições de trabalho e salário! Somente o método grevista conquistará as reivindicações da categoria!

Na primeira quinzena de março, a diretoria do SINPEEM enviou a pauta de reivindicações dos trabalhadores em Educação do município de São Paulo ao governo. De março até o final de abril não houve qualquer tipo de organização da classe para decidir sobre o índice de reajuste salarial e dos diversos itens que constam na pauta de reivindicações.

Como já era de se esperar, o governo, até o momento, não se pronunciou sobre a pauta de reivindicações da classe. Não deu sinal de que irá reajustar os salários defasados e, muito menos, que irá atender qualquer reivindicação de melhoria das condições de trabalho.

Sabemos que os problemas são diversos: salas superlotas, falta de ATEs, fechamento de salas de EJA, continuidade do confisco salarial dos aposentados, módulo docente por escola insuficiente, recrudescimento da violência, avanço da privatização/terceirização etc. Sem contar o arrocho salarial imposto pelo governo Nunes, com os míseros 5% em 2022 na forma de bonificação, que o governo se nega a incorporar aos salários.

Diante desse quadro de precarização das condições de trabalho e salário, a campanha salarial começa tardiamente. Não é a data-base que deve definir o momento de organização da classe para exigir do governo suas reivindicações. Há muitos problemas acumulados durante anos que não serão resolvidos com um índice miserável de reajuste salarial. Há muita insatisfação acumulada e, portanto, muita disposição de luta também, que devemos converter em coletiva, organizada.

A Corrente Proletária na Educação defende a construção de uma greve massiva. As negociações de bastidores com o governo não dão conta de resolver os problemas da categoria. Sabemos que a atual Diretoria se encontra mais preocupada com as eleições sindicais. Pretende tirar o máximo proveito da mobilização, tentando capitalizar o quanto puder em votos. Os trabalhadores não podem ficar reféns dessas manobras. É preciso formar os comandos de greve regionais e exigir da direção que coloque toda a estrutura do sindicato à disposição para que a luta seja vitoriosa.

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

Por uma eleição presencial! Rechaçar a eleição virtual!

A eleição para a diretoria do SINPEEM estava marcada para o dia 5 de maio. No entanto, segundo a burocracia, por falhas técnicas, a eleição não foi concluída. Foi cancelada e não se sabe quando será realizada de fato. Esse foi o resultado nefasto da eleição virtual.

A Corrente Proletária na Educação rechaça essa forma de eleição. O processo eleitoral no sindicato dos trabalhadores vai além de uma mera escolha entre chapas, deve se constituir num

momento de balanço político e deve se converter, por isso, em um instrumento de politização da categoria, de elevação de sua consciência. A eleição virtual elimina essa possibilidade de contato com a base, pois cada um permanece isolado – o que nega o princípio coletivo, se colocando em oposição, portanto, à democracia operária. Além disso, não há garantia de lisura do processo, pois a base não tem controle sobre o resultado da eleição.

A Corrente Proletária está participando do processo, compondo e defendendo a Chapa 2, em defesa da democracia e independência do SINPEEM. Somos favoráveis à realização de eleições presenciais para a Diretoria e para as outras instâncias de participação. É preciso que a categoria rechaça essa forma virtual de eleição, e se coloque em defesa dos métodos da democracia operária. .

Como foi o 1º de Maio no Brasil e no mundo?

O 1º de Maio expôs o descontentamento e a revolta dos explorados em várias partes do mundo. Como estava previsto, a França se viu tomada por manifestantes. Os protestos foram duramente reprimidos pelo governo de Emmanuel Macron. Cerca de trezentos lutadores, presos. A maioria da população francesa rejeitou terminantemente a contrarreforma da previdência. Os trabalhadores unidos, assim, combateram nas ruas a imposição ditatorial de Macron.

Ao lado dos trabalhadores franceses, destacou-se o 1º de Maio na Turquia. O governo ditatorial de Erdogan respondeu com mãos de ferro à marcha que se dirigia à Praça Taksim, em Istambul. Na Inglaterra, o 1º de Maio se moveu pela greve dos trabalhadores da saúde. Na Coreia do Sul, a massiva manifestação dos trabalhadores exigiu a redução da jornada de trabalho e elevação do salário-mínimo. Na Malásia, Camboja e Filipinas, os protestos eram contra o desemprego e o miserável salário-mínimo.

Esse quadro evidencia a disposição de luta

dos explorados contra as precárias condições de vida e trabalho e se soma à Guerra da Ucrânia, que já se arrasta por 15 meses. Somente a classe operária, dirigindo um movimento de maioria oprimida, pode interromper o avanço do imperialismo, combater a escalada militar, derrotar as forças anexadoras e impor o direito à autodeterminação dos débeis povos e nações.

No Brasil, infelizmente, o 1º de Maio realizado pelas centrais sindicais foi transformado em palco de apoio ao governo Lula. Para isso, essas direções colaboracionistas tiveram de renunciar e negar a defesa dos empregos, do salário mínimo vital e pela revogação das reformas trabalhista e previdenciária, de Temer e Bolsonaro.

A Corrente Proletária na Educação rejeitou o 1º de Maio governista e participou do 1º de Maio da Praça da Sé. Apesar de minoritário e com pouca participação operária, foi um 1º de Maio independente dos governantes e de defesa do programa de reivindicação dos explorados.

15º mês de guerra na Ucrânia

A Corrente Proletária na Educação/POR tem feito uma campanha internacionalista pelo fim da guerra, por uma paz sem anexação e sem nenhuma imposição dos Estados Unidos e da OTAN. A continuidade da guerra na Ucrânia está se transformando em uma grande conflagração mundial.

Chamamos os trabalhadores em Educação da rede municipal a fortalecerem a bandeira de fim da guerra. Somente a classe operária unida e em luta pode acabar com a guerra de dominação.